

intrínseca



NICK DAVIES

DA NOTÍCIA

O ESCÂNDALO DE GRAMPOS, SUBORNO E TRÁFICO DE INFLUÊNCIA QUE ABALOU UM DOS MAIORES CONGLOMERADOS DE MÍDIA DO MUNDO

NICK DAVIES

Vale-tudo da notícia

O escândalo de grampos, suborno
e tráfico de influência que abalou
um dos maiores conglomerados
de mídia do mundo

TRADUÇÃO
MARCELO LEVY



Nota do autor

Esta é a história mais estranha que escrevi na vida.

Começou com uma coisa pequena, quase insignificante: a prisão de dois homens — um detetive particular e um jornalista do *News of the World*. Os dois foram parar na cadeia, mas nada de excepcional. O crime que haviam cometido não era tão grave e eles receberam penas curtas. O único detalhe que chamava a atenção no caso à época era o fato de o crime ser pouco comum: tendo descoberto que podiam acessar as caixas de mensagens de voz de outras pessoas, os dois tinham passado meses invadindo e escutando sem autorização os recados recebidos por três funcionários do Palácio de Buckingham. Mesmo assim, não deixava de ser uma história sem importância, que em poucos dias desapareceria dos noticiários.

No entanto, eu passaria mais de seis anos da minha vida profissional tentando desembaraçar o novelo de corrupção que se escondia por trás dessa história. Pouco tempo depois já éramos um pequeno grupo trabalhando junto e descobrindo que havíamos nos metido em uma guerra contra a imprensa, a polícia e o governo, todos ligados a uma organização criada por um único homem.

Rupert Murdoch é um dos homens mais poderosos do mundo. Pode-se dizer até que ele é, de fato, o mais poderoso. A News Corp está entre as maiores companhias do planeta. Como todos os seus rivais nos negócios, Murdoch tem poder financeiro para empregar ou demitir milhares de pessoas e poder

político para preocupar governos ao ameaçar retirar seu capital de um país e transferi-lo para outro mais cooperativo. Entretanto, diferentemente de seus rivais, o poder de Murdoch alcança outra dimensão. Por ser dono de jornais e canais de TV, ele pode inquietar ainda mais os governantes, fazendo-os temer que, sem seu apoio, sejam criticados, desestabilizados e percam credibilidade. Sem dúvida, um homem que ao mesmo tempo é megaempresário global e consegue influenciar na definição de quem ocupa as mais influentes cadeiras da sociedade tem um tipo especial de poder.

Assim, a matéria sobre um crimezinho revelou-se uma história sobre o mundo secreto de uma elite poderosa e suas discretas alianças. O objeto deste livro não é uma conspiração (não em sua maior parte), mas o reconhecimento do poder pelo poder, a ocorrência diária de uma troca natural de favores entre aqueles que do alto de suas posições na sociedade olham para baixo e influem de maneira acachapante no dia a dia de homens e mulheres comuns. Neste caso, como costuma acontecer, essa troca de favorecimentos ocorreu em meio ao persistente fedor da falsidade. Não se trata aqui de um complô cuidadosamente armado em cima de mentiras, como no caso Watergate, mas da arrogância indiferente de um grupo de pessoas que acreditam ter todo o direito de dirigir o país e, ao fazê-lo, de manipular informações, esconder verdades embaraçosas, tentar enganar todo mundo o tempo todo.

Muitos escritores dizem que não conseguem fazer seu trabalho — escrever um livro, um roteiro de filme ou um artigo de jornal — se não atingirem o ponto em que podem resumir seus projetos em uma única frase. Certo dia, à espera do ônibus, quando ainda rascunhava este projeto, enfim atingi esse ponto. Esta é uma história sobre poder e verdade.

Para ser mais preciso, é sobre o abuso de poder e os segredos e mentiras que o protegem. Em uma tirania, a elite dominante pode usar de forma indevida o poder o tempo todo, e qualquer um que levantar a voz para reclamar vai receber uma visitinha da polícia secreta. Numa democracia estabelecida, não se pode correr o risco de cometer abusos às claras. É preciso ser discreto; perpetradores de abusos precisam da escuridão, como os vampiros. Quando uma empresa, sindicato, o governo ou qualquer braço do Estado é flagrado violando as regras, pode ser atacado, exposto, constrangido e possivelmente cerceado. Segredos e mentiras não são algo opcional. São peças centrais da estratégia.

Neste caso, o acobertamento tinha uma camada extra, porque as próprias empresas jornalísticas, que em outras circunstâncias teriam revelado a verdade, eram parte dos desmandos e assim se mantiveram em silêncio, omitindo os fatos do noticiário numa farsa grotesca, escondendo o escândalo de seus leitores como uma babá vitoriana que tapa os olhos da criança diante de um acidente na rua e diz: “É melhor você não ver isso.” Algumas dessas empresas agiram assim por estarem indiretamente ligadas ao crime (pelo fato de pertencerem ao mesmo dono), outras por terem elas mesmas as mãos sujas; algumas fecharam os olhos por medo de incomodar seus aliados políticos. Muitos jornalistas tinham simplesmente deixado de lado seu compromisso de reportar a verdade de forma crítica, não importava quem estivesse envolvido nas matérias. O repórter do caderno de polícia se mancomunava com a polícia e também com os criminosos, o correspondente político alinhava-se com um partido ou uma facção, o repórter encarregado de cobrir a mídia se transformava numa ferramenta de seu patrão ou patroa. O executivo de uma empresa jornalística tornava-se um pavão poderoso sentado sobre sua riqueza e arrogância, feliz por frequentar os salões da elite e não expô-la — tudo muito parecido com a cena final de *A revolução dos bichos*, quando os porcos que haviam liderado a revolta contra os humanos acabam por adotar o mesmo comportamento dos governantes que deveriam confrontar: “As criaturas do lado de fora olhavam dos porcos para os homens, dos homens para os porcos e de novo dos porcos para os homens, mas já era impossível dizer quem era quem.”

O escândalo das escutas telefônicas aconteceu no Reino Unido, mas poderia ter acontecido em qualquer outro lugar. A News Corp vem há anos fazendo o jogo do poder na Austrália, nos Estados Unidos, na China e em todos os lugares aonde seus interesses a levaram. Esses outros países foram vítimas de abusos similares da News Corp e de outras forças equivalentes. As estruturas do poder e as fraquezas da democracia são as mesmas em toda parte. Uma sequência bizarra de eventos permitiu que descobríssemos a verdade no Reino Unido, e deve servir de alerta para qualquer pessoa, em qualquer lugar, que acredita no direito de ser dono da própria vida.

No final, a luta do pequeno grupo de pessoas que tentou tornar público o escândalo das escutas foi incorporada por outros que o expuseram ainda mais. Durante a feitura deste livro, pude recorrer ao conjunto de provas que viriam à tona nos processos civis e criminais, nas comissões parlamentares na Câma-

ra dos Comuns e, sobretudo, no inquérito público presidido pelo juiz Leveson, em Londres, a partir do outono de 2011.

No entanto, nos bastidores tivemos a ajuda constante de jornalistas de tabloides, policiais, detetives particulares, servidores públicos, antigos aliados de Murdoch e outros que se recusaram a aceitar a corrupção ao seu redor. Alguns puderam falar abertamente, porém a maioria só se manifestou sob a condição de serem mantidos no anonimato, o que respeitei. Em alguns poucos casos, fontes que no início pediram para não serem citadas mudaram de ideia e estão identificadas no livro. Todas elas tiveram seu papel, e quero reconhecer aqui a importância da sua ajuda e da sua disposição de correr riscos para que esta história pudesse ser contada.

Em três áreas, meu trabalho teve o apoio de pesquisadores especialistas: Jenny Evans, que possibilitou os contatos com jornalistas que trabalhavam no *News of the World*; Adrian Gatton, que mergulhou no submundo das investigações particulares; e David Hencke, que tirou ótimo proveito de suas ligações de muitos anos com políticos e seus assessores. Tom Mills analisou matérias publicadas na imprensa. Scarlett MccGwire me apresentou a contatos no mundo da política.

Também recorri a dezenas de livros e artigos que se aprofundaram nos temas abordados aqui. Eles estão listados em uma bibliografia no site www.hack-attack.com.uk (conteúdo em inglês). Em alguns casos, identifiquei-os no próprio texto como fontes, mas enfatizo que todos foram valiosa matéria-prima.

O surgimento dessa profusão de novas informações acabou mudando a estrutura do livro, que tem dois tipos de capítulos. Uma parte é o relato histórico do processo em que eu e outros tornamos público o escândalo e contém apenas as informações que estavam disponíveis para nós à época. A outra são tentativas de recriar o que se passava nos bastidores — o crime, o acobertamento e as armações políticas. Esses capítulos têm por base todas as informações que só viriam à tona depois e mostrariam a verdade que estava sendo cuidadosamente ocultada. O site traz também o histórico dos acontecimentos, bem como documentos, gravações de áudio e vídeo a eles relacionados.

Merecem esclarecimento os usos de alguns nomes nesta obra: Rupert Murdoch dirige um emaranhado confuso de empresas que foram reestruturadas desde os eventos aqui relatados. Para simplificar, o livro em geral se refere a apenas duas delas: a News Corp, à época holding global, que controlava

todas as outras, e sua principal subsidiária no Reino Unido, cujo nome à época era News International. Esta última tem suas próprias subsidiárias, mas usei o nome genérico “News International” para designar todas elas. Outra figura central da história é Rebekah Brooks. Ela era conhecida pelo nome de solteira, Rebekah Wade, até junho de 2009, quando se casou. Para evitar confusão, uso no livro inteiro o nome de casada.

Por fim, gostaria de deixar registrado o imenso apoio recebido de meus colegas no *The Guardian* — refiro-me aos outros repórteres que se dedicaram com afincos à história, aos advogados do jornal que enfrentaram ameaças de processos por difamação, aos editores que aguentaram meu nervosismo e principalmente ao editor-chefe, Alan Rusbridger, que apoiou a matéria e jamais vacilou diante das agressões. Esses colegas e todos que ajudaram a contar esta história estranha acreditam que temos o direito de saber a verdade sobre o poder.

Parte um

Crime e acobertamento

“Todos os membros da imprensa têm a obrigação de seguir os mais altos padrões profissionais.”

Código de conduta da Press Complaints Commission

“É impossível se tornar editor do *Daily Mirror* sem ser um ser humano minimamente desprezível.”

Piers Morgan

1. De fevereiro de 2008 a julho de 2009

Eu estava sentado em um estúdio da rádio BBC me preparando para vomitar. Queriam que eu falasse sobre um livro que tinha acabado de escrever, *Flat Earth News*, que tratava da extensão e das origens da falsificação, da deturpação e da propaganda na mídia. Em teoria, eu me sentia contente por estar ali: tinha passado dois anos quebrando a cabeça para produzir o livro, que era lançado naquele momento, em fevereiro de 2008. Aquela era a oportunidade de convencer as pessoas a ler o resultado. Mas só de pensar na entrevista já me sentia sufocado pela ansiedade.

Eu falaria ao vivo no rádio em cadeia nacional. Pior ainda: falaria no programa *Today*. A rainha ouve o *Today*, o primeiro-ministro, embaixadores, toda a maldita elite da Grã-Bretanha toma o café da manhã ouvindo o *Today*. E o que era ruim ficaria péssimo: alguns minutos antes, enquanto eu andava de um lado para o outro fora do estúdio, me preparando para meu purgatório, me avisaram que tinham convidado Stuart Kuttner para debater comigo. Kuttner!!!

Eu não o conhecia pessoalmente, mas já tinha ouvido falar muito dele. Kuttner era uma figura que vivia na sombra — o chefe de redação do *News of the World*, o jornal de Rupert Murdoch, sempre à espreita, atrás do trono do patrão, o sujeito que guardava os segredos, que resolvia os problemas, que cuidava da parte mais suja do negócio. Impossível não descrever Stuart Kuttner sem usar logo palavras como “durão”, “implacável”, “um tipo muito desagradável”.

A entrevista começou. Controlei os nervos e comecei a falar. Kuttner interveio algumas vezes para informar à nação que eu provavelmente vinha de outro planeta, porque ele com certeza não reconhecia a indústria jornalística descrita por mim. A seguir, falei sobre os “truques obscuros”, enumerando os poucos retalhos de informação que eu havia descoberto sobre detetives particulares que por anos haviam trabalhado para a maioria dos jornais ingleses, ajudando-os de forma ilegal a obter furos. Kuttner me interrompeu na hora: “Se isso acontece, não deveria acontecer. Aconteceu uma vez no *News of the World*. O repórter foi demitido e preso. O editor se demitiu.”

É claro que pensei que ele estava mentindo. Ele estava certo quanto ao fato de apenas um jornalista do *News of the World* ter sido condenado e preso (Clive Goodman, editor responsável pela cobertura da família real), porém nunca fez sentido para mim a ideia de um “solitário repórter picareta”. Goodman fora preso um ano antes, em janeiro de 2007, por interceptar as mensagens de voz de três pessoas que trabalhavam no Palácio de Buckingham. O detetive particular que o ajudara, Glenn Mulcaire, tinha sido preso não apenas por invadir as mensagens de voz daquelas três vítimas da casa real, mas também devido a escutas ilegais de mensagens de cinco pessoas que nada tinham a ver com a realeza. O que motivara Mulcaire? Ninguém chegou a sugerir que ele invadira as caixas de mensagens de pessoas de fora da família real a mando do editor. Então quem lhe pediu que o fizesse? Outros repórteres? Editores? Vozes misteriosas em sua mente?

Kuttner se lançou contra mim como uma metralhadora retórica alucinada. O jornalismo britânico, declarou, é “uma profissão muito honrada”. Um jornal como o *News of the World* era na verdade um tipo de vigilante moral, atento a qualquer desvio de comportamento dos poderosos. “Vivemos em uma época de corrosão da política e da vida pública — de degradação”, alertou.

E assim, no clímax da discussão, a entrevista foi encerrada. Poderia ter sido o fim da história. Eu não acreditava naquela baboseira de o *News of the World* ser uma defesa contra a degradação da vida pública, mas meu foco não era o jornal. Eu não o lia e não queria escrever sobre ele. Só me sentia aliviado por estar fora daquele estúdio e feliz por ter podido divulgar meu livro *Flat Earth News*, que discute sobretudo os jornais mais sérios e as profundas falhas em suas formas de operar. Contudo, Stuart Kuttner tinha acabado de cometer um erro, um erro muito grave: “Aconteceu só uma vez”, dissera. Sintonizado

nas ondas de rádio em algum lugar, um ouvinte desconhecido, de quem eu nunca tinha ouvido falar, escutara as palavras de Kuttner e ficara tão furioso que resolveu me procurar, o que fez alguns dias depois. “Gostaria de conversar com você. Acho que vai gostar do que tenho a contar”, disse.

Passou-me o número do celular, porém alertou para que eu nunca deixasse mensagens de voz.

Pode-se dizer que fazer reportagens é muito mais fácil do que a maioria dos repórteres gosta que se saiba. As pessoas lhe revelam coisas, você faz o melhor possível para checar a informação e depois conta para um monte de gente o que descobriu. São necessárias algumas sutilezas secretas e algumas poucas habilidades, mas em termos gerais não é um trabalho que requeira grande inteligência.

Tratei de marcar um encontro com a pessoa que me ligara. Nunca poderei revelar seu nome — um problema bastante usual. É comum se constatar que quem tem as coisas mais interessantes para lhe contar são aqueles que têm menos condições de o fazer por estarem sob algum tipo de pressão — têm receio de serem presos, demitidos, abandonados pelo cônjuge, agredidos. O anonimato os protege. O homem em questão vai aparecer várias vezes neste relato e, por isso, eu o batizei com um nome inesquecível: sr. Apollo.

Gostei dele já no primeiro encontro, o que não quer dizer necessariamente que tenha confiado nele. Estávamos em seu quarto de hotel no centro de Londres. Enquanto lutava para pôr a cafeteira para funcionar, ele começou a falar e eu, a me perguntar como ele sabia tanto e o que queria em troca.

Contou-me que Kuttner era um mentiroso, que o *News of the World* vinha grampeando telefones em toda parte e que era assim que os repórteres obtinham a maioria de suas matérias: conseguiam as pistas interceptando mensagens de voz e depois saíam para tirar fotos e coletar declarações para forjar um histórico e, dessa forma, poder alegar que haviam levantado a notícia por meios normais e legítimos. Segundo ele, não era só Clive Goodman que vinha fazendo isso. Dezenas de repórteres eram adeptos dessa prática. Era um truque fácil demais, afirmou. Bastava ligar para o celular do alvo e, ao ouvir a mensagem gravada, digitar o número 9; uma mensagem da operadora pedia então para que se digitasse o código PIN. Como a maioria das pessoas não troca o código-padrão que vem de fábrica, qualquer um sabe quais são os números. Ou, quando ele é trocado, em geral as pessoas usam uma senha bem

óbvia, como o ano de nascimento. É só digitar o código e pronto: pode-se ouvir os recados no celular. O sr. Apollo explicou ainda que era preciso tomar cuidado para não ligar em horários em que o alvo poderia atender. Por isso talvez fosse melhor ligar à noite ou quando o alvo estivesse em uma reunião.

Na maioria das vezes, disse ele, o esquema era tão fácil que nem era preciso contratar um detetive particular como Glenn Mulcaire. Segundo ele, a principal tarefa de Mulcaire tinha sido enganar as companhias de telefonia celular: ligar para elas, fazendo-se passar por funcionário, para descobrir os números de pessoas fora da lista telefônica pública ou, mais importante, mudar os códigos PIN de volta para o original de fábrica nos casos em que o alvo o tivesse trocado. Uma vez dentro da caixa de mensagens de voz do alvo, o *News of the World* pegava os recados e os números das pessoas que tinham ligado e passava a interceptar também os telefones destas, criando uma rede de escuta em torno do alvo. As vítimas levariam semanas para descobrir que os códigos tinham sido trocados e, se e quando descobrissem, achariam tratar-se de alguma falha técnica.

Achei as informações intrigantes, era tentador ir mais a fundo. Seria bom enquadrar Kuttner, e seria ainda melhor fazer algo contra jornalistas de tabloides inescrupulosos. Não se tratava apenas de uma minoria de caubóis com notebooks inventando histórias e arruinando a vida das pessoas; eles estavam tornando o trabalho de outros jornalistas muito mais difícil, porque as pessoas agora esperavam ser subornadas, constrangidas e enganadas por repórteres — o que tornava a relação com elas muito mais difícil.

Mas, ainda assim, não era uma matéria tão boa. Ninguém ficaria surpreso se lesse que alguns repórteres de tabloides agiam de forma desonesta. E, mesmo que eu decidisse ir adiante e me aprofundar no assunto, havia a dificuldade de que até então as palavras do sr. Apollo eram tudo o que eu tinha. Ele podia estar certo ou errado, porém tinha deixado claro que não poderia ser citado ou vir a público para corroborar nada do que eu viesse a escrever.

A essa altura, vencida a batalha contra a cafeteira, ele se sentou e começou a relaxar e falar sobre a polícia. Contou-me que a Scotland Yard tinha encontrado vários números de celulares cujas caixas de mensagens de voz tinham sido invadidas por Glenn Mulcaire, mas nunca deu continuidade às investigações. Não tentou processar Mulcaire por todas essas outras possíveis vítimas, nem descobrir quem mais lhe encomendava o serviço, tampouco alertar

quem tinha sido alvo do grampo. Com esses fatos, a história começava a ficar interessante. Por que a polícia agiria dessa maneira ao lidar com um jornal especialmente poderoso, que pertencia a Rupert Murdoch, o maior barão da mídia do país?

Passamos a conversar sobre o julgamento de Goodman e Mulcaire, sobre como nunca fez sentido Mulcaire ter admitido que invadiu as caixas de mensagens de voz de cinco vítimas de fora da realeza. Foi nesse ponto que o sr. Apollo enfim abriu a porta para que eu pudesse entrar e descobrir um caminho para avançar. Ele afirmou que uma das cinco vítimas não explicadas abriu um processo e tentou obrigar a polícia a entregar algumas das provas que haviam sido recolhidas e nunca reveladas. Ao que parecia, isso deixou a Scotland Yard em pânico. Eis, enfim, uma forma de checar a veracidade das informações do sr. Apollo. Se um juiz tivesse obrigado a Scotland Yard a entregar as provas, a polícia teria precisado obedecer e, assim, com alguma sorte, eu teria acesso ao processo para ver o que havia de concreto.

Só mais tarde naquela noite, depois de ter agradecido o sr. Apollo e prometido manter contato, é que tive um clique e percebi o principal motivo para ir adiante com a reportagem: não era apenas o fato de a maior organização jornalística do país aparentemente estar mentindo e infringindo a lei ou o fato de a mais poderosa força policial do Reino Unido ter deixado — talvez de propósito — de tentar chegar perto da verdade sobre o caso e expô-la. Cheguei à conclusão de que, no fundo, a única coisa realmente importante era o editor-chefe do *News of the World* à época, Andy Coulson, ter passado a atuar como assessor de imprensa de David Cameron, líder do Partido Conservador. Embora o Partido Trabalhista estivesse no poder, parecia provável que os conservadores vencessem as eleições seguintes, e Cameron se tornaria primeiro-ministro. Andy Coulson estava a caminho da Downing Street.

Lembrei-me da demissão de Coulson do posto de editor-chefe do *News of the World* após o julgamento de Goodman e Mulcaire. Ele alegou não saber dos desvios de conduta de Goodman, mas disse que era seu dever pedir demissão mesmo assim porque os eventos ocorreram em sua gestão. Se Kuttner estava mentindo, talvez Coulson também estivesse. E no entanto ele estava em vias de assumir o cargo que o tornaria responsável por organizar a comunicação entre o governo e o povo — sem dúvida, um posto nada recomendável para um mentiroso. Mais grave ainda: se ele de fato tinha comandado um esquema de escutas ilegais no *News of the World*, do que seria capaz se estivesse na sede

do governo britânico e quisesse descobrir quem atacava o primeiro-ministro pelas costas? Será que voltaria à prática dos truques obscuros?

Qual é a diferença entre um repórter de um jornal como o *News of the World* e um do *The Guardian*? Não acredite em quem lhe responder que tem a ver com valores morais, inteligência ou sensibilidade. Em ambos os mundos há filhos da puta e idealistas, gente de moral duvidosa e gente boa. Repórteres são muito parecidos entre si. Funcionam à base de uma mistura psicológica inflamável, como gasolina com ar: uma combinação explosiva de imaginação e ansiedade.

Você exercita sua imaginação ao máximo, como se fosse um músculo, até que fique mais forte que a dos outros, até que se transforme em algo bizarramente poderoso. E uma, duas, mil vezes você a aplica ao seu assunto e começa se perguntar, com grande energia e imagens mentais vívidas: o que pode ser verdade? Onde posso encontrar provas? Quem pode saber? Por que essa pessoa falaria? Qual é o próximo passo? O que está faltando? Como completo o quebra-cabeça no escuro? Em seguida, quando você começa a analisar o produto de sua imaginação, completa a mistura despejando doses iguais de ansiedade capazes de abrir uma cratera no estômago. E se não der certo? Se eles não falarem comigo? Se preferirem falar com outra pessoa com um caderninho? Se mentirem para mim? Se gravarem a conversa comigo? Se me deduzirem para a oposição? E se eu estiver errado? E se os idiotas da redação não publicarem a matéria?

Há ainda mais um elemento, o equivalente à faísca que detona a mistura do ar com gasolina. A maioria dos repórteres que sobrevivem e têm sucesso é movida por algum tipo de necessidade íntima profunda. Conheço um que passou anos negando para si mesmo e para o resto do planeta que era gay. Ele direcionava toda a sua energia sexual, o tempo todo, dia e noite, para a tarefa de lutar contra os poderosos, fossem quais fossem. Com efeito, ele produziu excelentes matérias, revelando escândalos secretos nas mais diferentes áreas, até o dia que passou a se aceitar como era. Depois disso nunca mais escreveu uma reportagem que valesse a pena ler. Conheço outro que me contou ter crescido com um segredo na família, algo que ninguém estava autorizado a mencionar. O tempo passou e na adolescência ele descobriu que o pai era judeu e a mãe não e que, quando elas se casaram, as famílias se opuseram com tamanha violência à união que eles decidiram

nunca mais mencionar A Coisa. O resultado é que esse repórter não suporta segredos e passou anos trabalhando e conquistando prêmios como jornalista especializado em descobrir e expor acobertamentos onde quer que houvesse um.

Hora de responder à pergunta óbvia: qual é a minha motivação? Passei a infância apanhando de adultos, alguns genuinamente maus, outros apenas adeptos do ditado “criança mimada, criança estragada”. Trabalhei uns vinte anos como repórter acreditando estar interessado na justiça criminal e nos problemas sociais, até olhar para trás e perceber que inúmeras vezes eu havia sido atraído para reportagens sobre casos em que poderia salvar as vítimas. Eram em sua grande maioria casos de vítimas de injustiças (erros da Justiça, corrupção policial) e, mais ainda, de crianças na prostituição, perseguidas na escola, vítimas de abuso sexual e da pobreza, encarceradas, atacadas por uma enfermeira com problemas mentais. Na raiz de todos os trabalhos que fiz havia um impulso latente e profundo de dar o troco em qualquer um que toma o poder e o usa de maneira abusiva e ilegítima.

Qual é a diferença entre um repórter do *News of the World* e um do *The Guardian*? A diferença está nos escritórios, na hierarquia, no Quociente de Assédio Moral. Há muito assédio na imprensa britânica — um monte de gente arrogante, boca suja, metida, irritadiça, recebendo salários altos demais, entre elas diretores de redação e responsáveis tanto pela editoria de notícias quanto pela variedades que não sabem discernir liderança de truculência. Já cruzei com pessoas assim em redações de jornais sérios, mas não há dúvida de que o assédio moral cresce muitíssimo nas redações dos tabloides sensacionalistas. Por quê? Tudo começa com os horários dos trens.

De cinquenta a sessenta milhões de pessoas vivem hoje na Inglaterra, na Escócia e no País de Gales. Desde a Revolução Industrial, é possível imprimir um jornal em Londres ou Glasgow e despachá-lo em um trem noturno com a certeza de que de madrugada ele estará na porta de qualquer lar do Reino Unido. Faça a comparação com os Estados Unidos: até o advento da revolução eletrônica, um jornal colocado à noite em um trem em Nova York, por exemplo, estaria no meio de um imenso nada na manhã seguinte. Portanto, enquanto nos Estados Unidos foram criados os jornais locais — com não mais do que dois jornais em cada cidade —, no Reino Unido desenvolveu-se um concorrido mercado nacional, com cerca de uma dúzia de diários brigando ferozmente pela preferência dos leitores. A disputa sem-

pre foi mais acirrada entre os chamados tabloides populares. Sua sobrevivência depende da circulação, da venda de exemplares em grandes quantidades e, em última instância, de oferecer ao leitor notícias exclusivas. Os jornais mais qualificados, ao contrário, não têm a expectativa de vender milhões de exemplares: seu público-alvo são as faixas mais abastadas da sociedade e a maior parte de suas receitas advém da publicidade dirigida a esses leitores.

A pressão comercial nas redações do Reino Unido é implacável, em especial nos jornais populares. Editores de tabloides despacham seus repórteres a campo com uma mensagem inequívoca e incontornável: “Traga-me a matéria.” Desculpas não são sequer ouvidas, fracassos são inaceitáveis: seu trabalho é ficar plantado à porta da pessoa até ela falar com você, perguntar repetidas vezes até obter uma resposta, conseguir que a fonte que nunca abriu a boca fale e trazer a maldita matéria para a redação. Muitos desses editores vão berrear insultos, gritar ameaças e destilar seu veneno sobre qualquer repórter que ouse voltar para a redação sem nada no caderninho.

Se você for bem-sucedido na redação de um tabloide popular, será designado para coberturas importantes e grandes viagens ao exterior, terá vários artigos com seu nome na chamada, poderá maquiar as prestações de contas, além de ter almoços agradáveis com o editor e aumentos salariais exclusivos. Se fracassar, ficará num canto solitário, não será escalado para as reportagens ou, se for, serão matérias sem importância que nunca serão impressas; vão acordar você no meio da madrugada e deixá-lo de plantão até a meia-noite, vão mandá-lo para o fim do mundo bem na hora em que você estiver saindo para a sua festa de aniversário. E, se acontecer de você escrever algo que efetivamente sairá no jornal, seu nome não aparecerá, você não receberá nem um obrigado nem um dia de folga. Você vai desejar ardentemente ser outra pessoa. (Falo por experiência própria: passei os primeiros anos como repórter em tabloides populares e fugi para ficar livre de um sujeito brutal e desumano.) Portanto, é claro que, quando em campo, com pouco mais do que a própria imaginação e a ansiedade por companhia, alguns desses repórteres podem acabar decidindo inventar declarações, criar fatos, enganar fontes, furtar fotos, ignorar regras, violar leis — qualquer coisa que lhes permita sentir-se bem.

Comparada a isso, a vida de um repórter do *The Guardian* é tão agradável quanto a pele de um bebê. Não é apenas que, a exemplo do que acontece

com outros jornais “sérios”, haja menos pressão para vender exemplares. Mais relevante é o fato de, diferentemente de outros do seu segmento, o *The Guardian* pertencer a uma fundação. Assim, em vez de ter acionistas tentando de tudo para lucrar com a redação, a fundação tem negócios cujos lucros financiam o jornal. O *The Guardian* ainda é tocado como um negócio e precisa manter-se com suas próprias pernas no mercado, porém a pressão comercial, que acaba levando às más condutas em muitas redações, é reduzida a um mínimo quase insignificante.

Qual é a diferença entre o *News of the World* e o *The Guardian*? Do ponto de vista de um repórter é o Quociente de Assédio Moral. Nada além disso. Eu tenho o direito de falhar.

Nem tudo o que o sr. Apollo me contou era novidade para mim.

Nos dois anos anteriores, enquanto pesquisava para escrever *Flat Earth News*, conversei com repórteres que tinham trabalhado em redações britânicas para conhecer as histórias por trás das suas reportagens a fim de entender por que nosso trabalho deixa de expor a verdade com tanta frequência. Vários jornalistas me ajudaram e alguns foram além, me contando como usaram detetives particulares para levantar informações por meios ilegais — os chamados “truques obscuros”. Eu, que vinha do mundo agradável do *The Guardian*, não tinha conhecimento de muitas daquelas práticas.

Fui apresentado a esse universo em um bar sombrio do Soho, onde um repórter experiente passou várias horas da noite falando sobre o envolvimento do seu jornal com essas atividades. Começou com “Benji, o homem do lixo”, um personagem excêntrico e solitário que varava a noite cruzando as ruas de Londres em uma caminhonete, revirando o lixo de escritórios de advocacia, produtoras musicais e qualquer um que pudesse ter relações com celebridades, para depois vender as informações descobertas. Ele acabou sendo pego e condenado por furto, mas isso não impediu que os jornais continuassem a usar detetives particulares, e às vezes seus próprios quadros, para fuçar no lixo atrás de furos de reportagem. Esse mesmo repórter me contou que com certeza seu jornal havia feito isso. Chegaram ao ponto de expor como troféu no meio da redação duas calcinhas jogadas fora pela filha de um político e recolhidas da lata de lixo por alguém com a cara de pau de se intitular jornalista.

Debruçados sobre uma vela na mesa bamba no canto do bar, conversamos por um bom tempo e ele me contou em detalhes como os jornais tinham

usado o vírus cavalo de troia em e-mails para roubar dados dos computadores de seus alvos, o que é ilegal. Revelou ainda como um jornal (*The Sunday Times*, de Rupert Murdoch) passou a empregar tantos procedimentos ilegais que, em julho de 2003, nomeou um repórter especializado, David Connett, para atuar como uma espécie de bode expiatório. Connett tinha sido chamado para fazer parte da equipe de repórteres, porém seu contrato era de freelancer. Para disfarçar, ele não tinha número de telefone nem endereço de e-mail do jornal. Seu trabalho era contratar as pessoas que fariam os truques obscuros. Dessa forma, se fosse descoberto, o jornal simplesmente negaria qualquer relação com ele e alegaria se tratar de um freelancer maluco. Connett se tornou alvo das gozações dos colegas de escritório, que fingiam não ouvi-lo. Diziam-lhe: “Você não está aqui, cara. Está?”

Esse pequeno esquema acabou azedando. O jornal tinha feito cortes de pessoal e Connett fora dispensado. Ele pediu o dinheiro a que teria direito como funcionário fixo. Em resposta, ouviu que, como freelancer, não tinha direito a nada. Decidiu então entrar com um processo na Justiça do Trabalho contra o jornal. Semanas mais tarde eu estava na audiência no tribunal e pude ouvir as provas apresentadas, inclusive a negativa do *The Sunday Times*. O juiz acatou a tese de que aquele gênio dos truques obscuros era claramente mais do que um alguém contratado por empreitada e determinou que ele fosse indenizado por demissão sem justa causa.

Outras pessoas que trabalharam no *The Sunday Times* me confirmaram essa história. Uma delas, um jornalista veterano, me encontrou mais tarde no café de um pacato hotel cheio de senhorinhas tomando chá e comendo biscoitos. Ele não apenas descreveu a longa experiência do jornal em obter por meios ilícitos informações confidenciais de companhias telefônicas, bancos e órgãos públicos, como me passou o nome e os contatos de um especialista que vinha fazendo isso havia anos: um ex-ator de Somerset chamado John Ford. Outra pessoa contou como o jornal usou um vigarista chamado Barry Beardall para tentar montar uma armadilha para políticos do Partido Trabalhista.

Como *Flat Earth News* foi uma tentativa de investigar a eficiência dos jornais mais sérios na missão de expor a verdade, tomei contato com os truques obscuros empregados pela imprensa para levantar informações por meio desse tipo de jornal. Aqui e ali, descobri indícios de que outros jornais sérios contratavam especialistas em extrair informações confidenciais de or-

ganizações por meios fraudulentos, o que constitui crime se não houver claro interesse público em jogo. Lorde Ashcroft, um nobre do Partido Conservador, falou-me de um detetive que havia convencido o Royal Bank of Scotland a ceder detalhes da conta bancária do partido a mando do *The Times*. Um repórter do *The Sunday Telegraph* me deu uma cópia de um fax sobre o dr. David Kelly, especialista em armamento que cometera suicídio depois de ser exposto no escândalo das falsas acusações de haver armas de destruição em massa no Iraque. Tinha sido enviado a eles por um detetive particular no dia em que o corpo do dr. Kelly foi encontrado, 18 de julho de 2003, e continha todos os números de telefone para os quais ele ligara nas oito semanas anteriores.

O repórter que me falou pela primeira vez sobre casos de propinas pagas a policiais também não era de um tabloide. Ele fizera carreira no *Daily Mail*, talvez o jornal mais linha-dura e defensor de leis mais rigorosas do país, sempre o primeiro a clamar por mais policiamento e punições mais severas (a menos que o crime fosse cometido pelo próprio jornal). Esse repórter do *Daily Mail* me contou em detalhes episódios em que um ex- investigador da polícia atuara como intermediário entregando envelopes com dinheiro a policiais da ativa no intuito de persuadi-los a vazar dados dos computadores da polícia e de investigações em curso. Descubri outros jornalistas, do *Daily Mail* e de outros jornais, que usaram o mesmo homem para subornar policiais. Outros jornalistas revelaram que pagavam suas propinas por meio de um bando particularmente sórdido de detetives particulares que comandavam uma agência de Londres chamada Southern Investigations.

Esse tipo de crime se espalhou aos poucos por vários jornais britânicos, tanto os mais sérios quanto os tabloides populares. No início dos anos 2000 a situação chegou ao ponto de muitas redações proibirem os repórteres de contratar detetives, muito mais pela questão dos altos custos do serviço do que pelo fato de a prática ser ilegal. Esses veículos começaram a insistir que apenas os executivos teriam autonomia para contratar o serviço sujo desses detetives.

É claro que quase nada disso se tornou público. Não se poderia esperar que os jornais passassem a informar sobre o uso de tal recurso. Uma única amostra foi o material publicado em 2006 em dois relatórios da Information Commissioner (ICO, na sigla em inglês), cuja função é policiar bancos de dados que contenham informações confidenciais. Os relatórios detalhavam uma rede por anos encabeçada por um detetive particular chamado Steve

Whittamore, que se especializou em extrair informações confidenciais de organizações estratégicas. Ele tinha dois homens no Departamento de Trânsito (DVLA, na sigla em inglês), um funcionário civil na Polícia Metropolitana, um ex-integrante dos Hell's Angels especializado em roubar dados da companhia de telefonia British Telecom e um detetive particular cujos alvos eram empresas de telefonia celular e bancos. Desde meados dos anos 1990, Whittamore se fixara em sua casa isolada, numa cidadezinha de Hampshire, onde recebia ligações de jornalistas e comandava sua rede para obter as informações encomendadas. Quase tudo o que fazia era ilegal.

Em março de 2003 a ICO deflagrou a Operação Motorneiro e fez uma incursão na casa de Whittamore. Em abril de 2005, ele e três comparsas foram julgados pela obtenção ilegal de informações confidenciais de computadores da polícia, mas o caso terminou de maneira vergonhosa. Whittamore e seus corrêus receberam a pena mínima, um resultado tão píffio que um segundo julgamento envolvendo Whittamore e outros cinco foi cancelado.

Nas sombras, os jornais que haviam encomendado as atividades ilegais a Whittamore escaparam ilesos. Uma figura importante da ICO me disse que os advogados do órgão haviam previsto que, se fossem processados, os jornais contratariam os mais renomados advogados, que lutariam em todas as instâncias, até a mais alta corte, o que acabaria por estourar o orçamento da comissão. A imprensa britânica era simplesmente grande e poderosa demais para ser enfrentada. Como alternativa mais segura, a comissão publicara dois relatórios detalhando os crimes de Whittamore, nomeando oito diários nacionais e dez semanários nacionais que, em um período de três anos, haviam feito um total de 13.343 requisições de informações confidenciais, todas as quais foram “com certeza ou muito provavelmente” obtidas de forma ilegal por intermédio de Whittamore. No entanto, com uma hipocrisia que se revelou quase marca registrada, os jornais britânicos optaram por não noticiar praticamente nada disso aos leitores.

Quando trabalhava no *Flat Earth News*, enchi a paciência dos funcionários da ICO para que liberassem para mim o material apreendido de Whittamore na Operação Motorneiro: registros de mais de 13 mil requisições, completas com os nomes de cerca de quatrocentos jornalistas, os nomes dos alvos, a natureza dos dados confidenciais solicitados, o método usado para obtê-los e o preço pago. A comissão já havia divulgado algumas notas fiscais como forma de tentar atrair a atenção do público. As imagens tinham sido editadas para

ocultar os nomes dos alvos de Whittamore, mas mesmo assim indicavam claramente que não havia segredo sobre o que estava acontecendo. Whittamore registrava de forma explícita nas notas os serviços de obtenção ilegal de dados e os jornais britânicos as pagavam. Apesar de toda a minha lúbia, não consegui convencer a comissão a me dar nada. Em dado momento, um dos funcionários graduados me levou a uma sala e me mostrou as pilhas de documentos apreendidos de Whittamore. Bastaria que ele saísse e me deixasse ali com os papéis, mas isso não aconteceu. O conjunto completo de provas permaneceu em sigilo.

Eu tinha consciência de que estava longe de saber toda a verdade, mas fora o suficiente para irritar Stuart Kuttner na rádio — um feito considerável. Entretanto, eu sabia que, apesar da pressão gerada pela publicação dos dois relatórios da ICO, nada tinha mudado significativamente.

No verão de 2006 eu abordara um dos membros mais ativos da rede de Whittamore: um homem seguro de si, simpático e disposto a falar, já que tinha saído ileso do julgamento. Ele explicou que tinham decidido não roubar mais informações dos computadores da polícia porque era perigoso demais, mas, fora isso, a rede continuava operando normalmente, como se nunca tivesse estado no banco dos réus. Sentado à minha frente em seu escritório, de onde traficava informações, ele me mostrou sua lista de clientes. Quase todos os jornais da Grã-Bretanha figuravam nela.

Imaginação, ansiedade... É preciso também um pouco de sorte. Algumas semanas após meu encontro com sr. Apollo, no início de 2008, participei de um evento de divulgação de *Flat Earth News*. No jantar que se seguiu, descobri que o homem sentado à minha direita era figura graduada na Scotland Yard. Aproveitei para perguntar:

— Naquele caso do grampo nos telefones, em que o sujeito do *News of the World* foi preso, havia quantas vítimas? Eram mesmo apenas oito?

— Não — respondeu ele com tranquilidade. — Eram milhares.

Ah, é mesmo?

Também ajuda muito ter ao seu lado alguém como o sr. Apollo para mostrar o caminho. Mantivemos contato e ele começou a me passar informações valiosíssimas. Foi decisivo ao me fornecer o nome da vítima não pertencente ao staff da família real que processou o *News of the World*: Gordon Taylor, CEO da Associação de Futebolistas Profissionais, um alvo

nobre para qualquer tabloide semanal em busca de matérias sobre a vida privada dos ídolos do futebol, que recorreriam a Taylor caso precisassem de ajuda.

Com efeito, como o sr. Apollo dissera em nosso primeiro encontro, tal processo levou pânico à Scotland Yard. Em grande medida porque o advogado de Gordon Taylor era, para os que tivessem o infortúnio de estar do lado oposto, uma espécie de pesadelo vestido de terno e gravata: chamava-se Mark Lewis, um homem muito brilhante, muito ambicioso e muito devotado a processos problemáticos. Fiquei sabendo que algumas pessoas tinham uma teoria cruel sobre ele e seu jeito estranhamente inabalável de se dirigir à trincheira inimiga com um sorriso de menino no rosto: supunham que era porque ele tem esclerose múltipla (“ele está morrendo, então não tem medo de nada”). Essa tese passa longe do essencial. É verdade que ele tem esclerose múltipla, o que o faz mancar de maneira pronunciada, mas não é isso que o motiva. Por acaso, conheci alguém que estudou com ele na escola primária e me disse que no fundo Mark não mudara nada desde os nove anos. Mesmo quando ainda garoto, já era convencido, sagaz e desobediente. Mark Lewis simplesmente adora ser um transtorno.

Claramente era Lewis o cérebro por trás do processo movido por Gordon Taylor. Ele percebera a fragilidade da versão da News International e então a questionava com uma simples alegação: se não foi Clive Goodman quem pediu que Glenn Mulcaire grampeasse o telefone de Gordon Taylor, com certeza foi outra pessoa do *News of the World*. Segundo o sr. Apollo, Lewis tinha contratado um advogado especializado em atuar nas cortes superiores e convencera um juiz a obrigar a polícia a apresentar todas as provas relativas à invasão do telefone de Taylor. O sr. Apollo não sabia que provas eram essas, mas algumas pessoas na Scotland Yard sabiam e estavam preocupadas.

Fui logo atrás de Mark Lewis em uma firma de advocacia de Manchester e tentei de todas as maneiras trazê-lo para meu lado. O problema é que ele estava impedido de falar devido ao segredo de justiça, por isso não poderia me ajudar. Além disso, como vim a descobrir mais tarde, ele se orgulha de parecer meio louco e quase nunca faz o que não quer fazer.

Eu sabia que, para escrever esta história, precisaria de muito mais detalhes. Nos intervalos entre as outras reportagens que fazia para deixar o pessoal do *The Guardian* contente, saí a campo, seguindo minha imaginação para onde quer que ela me levasse, em busca de policiais, promotores, advogados, agentes de

condicional ou qualquer pessoa que estivera ligada ao julgamento original de Mulcaire e Goodman e pudesse saber algo sobre as provas que então tinham sido reveladas no tribunal. Fiz algum progresso. Tentei encontrar alguém — amigos, colegas, inimigos — que tivesse alguma relação com Gordon Taylor. Fiz menos progresso.

Segui tentando falar com qualquer um que tivesse trabalhado no *News of the World*, qualquer um que já tivesse mantido algum tipo de contato com os altos escalões da Scotland Yard. Descobri uma segunda fonte que tivera acesso ao material colhido pela polícia no primeiro inquérito. Ela confirmou o número estimado de vítimas que o oficial graduado da Scotland Yard me passara naquele jantar: “De duas a três mil.”

Voltei ao início da minha pesquisa e examinei com mais cuidado a versão oficial dos eventos. Em março de 2007, dois meses depois de Goodman e Mulcaire irem para a cadeia, o caso foi examinado pela Comissão Especial de Mídia da Câmara dos Comuns. Uma das testemunhas foi Les Hinton, CEO da News International, controladora do *News of the World* no Reino Unido. Ao ser questionado se tinha promovido uma “investigação interna completa e rigorosa” e se estava “absolutamente convencido” de que Goodman era o único no jornal que sabia do grampo nos telefones, ele respondeu: “Sim, fizemos, e acredito que ele era o único.” Acrescentou ainda que o novo editor-chefe, Colin Myler, que substituíra Andy Coulson, ainda estava investigando. Isso era um pouco estranho, porque doze dias antes do depoimento de Hinton, Myler já havia declarado à Press Complaints Commission [Comissão para Reclamações sobre a Imprensa, PCC na sigla em inglês] que concluíra que a invasão de telefones feita por Goodman era uma “aberração”, uma “exceção isolada”, um “evento excepcional e lamentável na história de 163 anos do *News of the World*, envolvendo um único jornalista”.

O caso também foi examinado pela PCC, que fora criada pelas empresas jornalísticas em 1991 como tentativa de provar que estas eram capazes de se autorregulamentar. Nesse episódio, constatei que o presidente da PCC, Sir Christopher Meyer, ex-embaixador inglês nos Estados Unidos, prometera investigar “todo o segmento de jornais e revistas do Reino Unido para averiguar quais são suas práticas”. Em maio de 2007, a PCC anunciara os resultados de seu “amplo inquérito”, afirmando “ter conduzido uma investigação sobre o uso de meios ilegais por jornais e revistas britânicos”. Essa “investiga-

ção” consistiu em escrever aos editores perguntando sobre os controles internos utilizados por jornais e revistas para impedir seus jornalistas de cometer atos ilegais no exercício da profissão, mas nem sequer tentou descobrir se eles infringiram a lei. Meyer preferiu não perguntar nada ao editor-chefe do *News of the World*, Andy Coulson, que deixava o posto, alegando que ele não exercia mais a profissão; preferiu não perguntar nada a qualquer executivo, repórter ou editor que tivesse trabalhado no jornal quando Glenn Mulcaire interceptava telefonemas; em vez disso, escolheu fazer perguntas apenas ao editor-chefe que assumia o cargo, Colin Myler, que não necessariamente tinha conhecimento sobre o que se passava no jornal antes de sua chegada, já que à época era editor do *New York Post*, de Rupert Murdoch. O relatório da PCC não apontou a existência de indícios de atividade ilegal em nenhum órgão de imprensa além daqueles revelados no julgamento de Goodman e Mulcaire. O presidente da poderosa Comissão de Conduta da PCC à época era Les Hinton, CEO da News International.

“Próximo assunto. Não há nada importante para se ver aqui.”

As coisas ficavam cada vez mais interessantes. Se as informações levantadas por mim estavam corretas, parecia claro que, por alguma razão, a polícia, a Câmara dos Comuns e a PCC deixaram de expor a verdade. Tudo tinha o mau cheiro do poder — ou melhor, do abuso do poder. O que Coulson sabia? O que Les Hinton e mesmo Murdoch sabiam?

A chave para as respostas estava no processo movido por Gordon Taylor. No verão de 2008, o sr. Apollo me contou que não foi apenas a polícia quem se viu obrigada a entregar documentos. Mark Lewis e o advogado que contratara tinham persuadido o juiz a obrigar também a ICO a entregar os materiais. Portanto, assim como a polícia tinha sido obrigada a apresentar todas as provas do caso Glenn Mulcaire, a ICO foi intimada a revelar tudo o que tinha sobre os serviços prestados por Steve Whittamore e sua rede ao *News of the World* — uma parcela significativa do material que vi só de relance quando trabalhava no *Flat Earth News*, mas ao qual não consegui acesso. Com esses dois conjuntos de provas e depoimentos a história com certeza fecharia. O sr. Apollo acreditava que os papéis já estavam em poder do juiz. Mas como conseguiu-los? Os tribunais britânicos sabem ser bastante discretos.

O sr. Apollo descobriu que, em audiências preliminares no Tribunal Superior, acusação e defesa já tinham feito formalmente suas alegações. Ao lê-las,

comecei a ter uma ideia mais ampla do que estava em curso. Quando, em 2007, Mark Lewis entrou, em nome de Gordon Taylor, com a acusação de invasão de privacidade, o *News of the World* contratou o Farrer & Co., um caríssimo escritório de advocacia que, estranhamente, também prestava serviços de vez em quando à casa real, cujos telefones tinham sido invadidos. Em enfadonho jargão jurídico, os advogados do Farrer & Co. apresentaram uma defesa que não apenas rejeitava o pleito de Gordon Taylor como pedia ao juiz que rejeitasse o processo. Entretanto, como a polícia e a ICO já tinham entregado provas e documentos, as coisas haviam mudado.

O processo não foi rejeitado. Longe disso. O *News of the World* foi forçado a mudar radicalmente de postura. Os documentos colhidos pela Justiça não eram ricos em detalhes, mas pude deduzir que as novas provas disponibilizadas pela polícia e pela ICO mostravam que alguns dos seus repórteres recorreram rotineiramente aos serviços ilegais de Steven Whittamore e, em última instância, que outros jornalistas além de Clive Goodman estiveram envolvidos em atividades de escuta ilegal de telefones.

O sr. Apollo ouvira falar em tensas negociações nos bastidores, com a News International oferecendo muito dinheiro — somas altíssimas — para Gordon Taylor desistir do processo e manter-se em silêncio. Por motivos que só mais tarde viriam à tona, aparentemente Taylor ficou tentado a fazer um acordo.

No outono daquele mesmo ano soube que o processo tinha ganhado mais corpo. Apurou-se, provavelmente a partir das provas entregues pela polícia, que o *News of the World* também grampeara as caixas de mensagens de dois dos mais próximos parceiros de Gordon Taylor: Jo Armstrong, que era sua consultora jurídica, e John Hewison, advogado especializado em esportes. A partir de então os dois também processaram o *News of the World* através de Mark Lewis. Com três litigantes, o jornal teria de desembolsar ainda mais dinheiro para abafar o caso.

No final de julho de 2008, em outro caso no Tribunal Superior, o *News of the World* foi condenado em uma ação movida por Max Mosley, presidente da empresa que comanda a Fórmula 1. Mosley processara o jornal por invasão de privacidade: em março daquele ano o haviam filmado sem seu conhecimento em meio a jogos sexuais sadomasoquistas com cinco prostitutas e trechos do vídeo foram divulgados no site do jornal, expondo o corpo nu de Max Mosley ao mundo. O Tribunal Superior considerou o fato uma violação excepcionalmente flagrante da privacidade de Mosley e concedeu-lhe a maior in-

denização da história dos tribunais britânicos em processos de invasão de privacidade: 60 mil libras.

No caso de Gordon Taylor, descobri que a News International enfim concordou pagar mais de 400 mil libras de indenização, uma fortuna. A violação da privacidade de Taylor não fora nada se comparada à de Mosley, do que se deduz que o objetivo era comprar o silêncio de Taylor. O jornal aceitou pagar também 300 mil libras de custas advocatícias. O acordo foi fechado no verão de 2008, porém o jornal enredou-se depois de uma briga de seis meses para encerrar também os processos de Jo Armstrong e John Hewison, que lhe custaram outras 140 mil libras de indenização e custas advocatícias. No total, o acerto somou mais de 1 milhão de libras. Uma parte essencial dos acordos era que todos deveriam manter segredo absoluto sobre tudo relacionado ao processo, para sempre. Segundo um bom informante, o acordo fora aprovado pelo filho de Rupert Murdoch, James, que pouco antes havia substituído Les Hinton como CEO da News International e comandava também os negócios de Murdoch na Europa e na Ásia. Se isso fosse mesmo verdade, havia uma operação de acobertamento de 1 milhão de libras com as impressões digitais do próprio filho de Murdoch.

Quando o acordo foi fechado, na primavera de 2009, eu estava saindo de uma reportagem terrivelmente complicada sobre paraísos fiscais para o *The Guardian*. Nesse meio-tempo, identifiquei várias fontes dispostas a ajudar na reportagem sobre as invasões de caixas de mensagens, desde que eu mantivesse sua atuação em sigilo. De uma delas, consegui tirar um material eletrizante: partes dos conjuntos de provas da polícia e da ICO que forçaram a News International a fazer o acordo nos processos movidos por Gordon Taylor e seus dois colegas advogados. Essas provas me foram dadas sob uma estrita condição: eu poderia mencioná-las de forma resumida, mas não poderia dizer que as tinha em meu poder. Pareceu-me razoável. O material era de fato explosivo, por dois motivos.

Para começar, revelava a imensa escala em que o *News of the World* tinha violado, de maneira contínua e sem cerimônia, a privacidade de seus alvos. Steve Whittamore havia registrado seu trabalho em quatro cadernos de cores diferentes, um para cada grupo de jornais — o azul, por exemplo, continha tudo o que fizera para a News International. Enfim eu tinha em mãos a planilha preparada pela ICO com os detalhes do caderno azul: todos os serviços encomendados por jornalistas da News International a Whittamore nos três

anos que antecederam a ação de busca e apreensão de março de 2003. Eram centenas de solicitações. Os repórteres haviam usado rotineiramente a rede de vigaristas e funcionários corruptos de Whittamore para extrair por meios ilícitos informações dos registros confidenciais dos computadores da polícia, da British Telecom, de bancos, de hotéis, do imenso banco de dados do seguro social, do Departamento de Trânsito e das companhias de telefonia celular. Alguns famosos estavam entre os alvos — atores como Jude Law e Sadie Frost. Outros alvos eram apenas ligados a celebridades, como o neto do lorde Mountbatten e as testemunhas do assassinato do apresentador de TV Jill Dando. Um terceiro grupo era formado por pessoas comuns que atraíram a atenção de algum repórter: os donos de todos os carros estacionados perto de um campo de críquete onde o ator Hugh Grant estava jogando.

Isso tudo me remeteu aos anos 1970 e 1980, quando o Estado secretamente invadia de forma rotineira a privacidade de seus alvos; a prática foi desmascarada graças ao trabalho árduo de uma rede de advogados, políticos e jornalistas que lutou para tentar responsabilizar a polícia e os órgãos de segurança. Ao fim, esses órgãos foram obrigados a acatar regras claras ao monitorar cidadãos. No entanto, agora repórteres de jornais sensacionalistas tinham assumido o lugar daqueles agentes de segurança e passado a espionar de forma deliberada, sem qualquer tipo de regra ou rito legal: simplesmente bisbilhotavam onde queriam. A menos que fosse justificada por forte interesse público, essa forma de obtenção de informações era ilegal. Com certeza era errada. As provas coletadas pela polícia no caso de Glenn Mulcaire expuseram ainda mais essa invasão de privacidade.

Como no caso de Whittamore, os registros mostravam que Mulcaire havia atacado vários tipos de figuras públicas, bem como pessoas comuns que tivessem desavisadamente cruzado o caminho do *News of the World*. Eu não podia ter certeza do que exatamente Mulcaire havia feito a todos eles — se obtivera de forma ilegal seus dados pessoais ou se invadira suas caixas de mensagens de voz, se conseguira ou não fazê-lo —, mas ficara claro que ele estava envolvido em uma operação muito grande. E, se de fato conseguira invadir as caixas de mensagens de voz daquelas pessoas, cometera um ato ilegal de qualquer forma, pois não haveria interesse público que o justificasse.

Alguns dos alvos eram particularmente delicados. Por exemplo, entre os documentos que vi, havia notas que deixavam claro que Glenn Mulcaire tinha sido pago pelo *News of the World* para vigiar ilegalmente vários membros

importantes do governo, como Tessa Jowell, ministra de Cultura, Mídia e Esportes, e John Prescott, vice-primeiro-ministro durante os dez anos de governo de Tony Blair, de maio de 1997 a junho de 2007. No caso deste, os documentos sugerem que o principal interesse do jornal fora a revelação, na primavera de 2006, de que ele tinha uma amante. Entretanto, o mais grave era o fato de Prescott, na época, ainda estar no cargo, com acesso a todo tipo de segredos econômicos, diplomáticos e militares. Mesmo assim, a polícia não fez nada a respeito. Nem sequer alertou o segundo membro mais importante do governo de que ele fora alvo de um especialista em interceptar comunicações eletrônicas.

Outra razão tornava todos aqueles documentos particularmente explosivos: o que eles revelavam sobre quem cometia tais atos. Nos materiais do caso Whittamore, estavam registrados os nomes de 27 jornalistas do *News of the World* e quatro do *The Sun*, outro diário de Murdoch, que haviam contratado a rede de espões. Ao consultar um banco de dados de reportagens publicadas por jornais britânicos, constatei que todos fizeram parte das equipes de noticiário ou de reportagens especiais. Nenhum desses departamentos era muito grande. Pelas minhas contas, juntos, empregavam não mais que trinta ou quarenta repórteres e executivos, do que se conclui que bem mais da metade deles solicitou serviços a Whittamore. Tudo somado, havia mais de mil pedidos de informação ao longo de um período de três anos, o equivalente a mais de um por dia útil. Eu já sabia que a ICO havia analisado tais pedidos e considerado quase todos “sem dúvida ou muito provavelmente” ilegais. Além disso, entre aqueles que contrataram os serviços de Whittamore havia jornalistas muito graduados, como Rebekah Brooks, que era editora-chefe do *News of the World* à época dos pedidos (e depois se tornou editora-chefe do *The Sun*), Greg Miskiw, editor de noticiário, Doug Wight, editor-chefe escocês, Neville Thurlbeck, ex-editor e chefe de reportagem, e Jules Stenson, editor de reportagens especiais.

Mais da metade dos jornalistas da redação e seus chefes, juntos, encomendando centenas de pesquisas que pareciam potencialmente ilegais? Era óbvio que a prática era sistemática. Como Coulson, o editor-chefe à época, poderia não saber?

Os documentos do caso Mulcaire eram ainda mais significativos. Eles simplesmente abriam uma cratera na história que o *News of the World* tinha contado à polícia, ao público e ao parlamento. E ainda davam margem a sérios

questionamentos sobre a incapacidade da polícia e dos promotores de desvendar a verdade. Havia dois documentos especialmente importantes.

Um deles era um e-mail impresso enviado por ross.hindley@news-of-the-world.co.uk. Uma busca rápida nos bancos de dados de reportagens de jornais britânicos logo revelou que Ross Hindley era repórter do *News of the World*. O e-mail tinha sido enviado para shadowmen@yahoo.co.uk [*shadowmen*, homens das sombras], que, soube-se depois, era o e-mail de Glenn Mulcaire. No campo assunto estava escrito: “TRANSCRIÇÃO PARA NEVILLE: QUARTA-FEIRA, 29 DE JUNHO DE 2005.” Mais uma vez recorri ao banco de dados de matérias e constatei que só havia um Neville no *News of the World*: Neville Thurlbeck, o chefe de reportagem do jornal, que também aparecera como cliente de Steve Whittamore. O e-mail continha transcrições de 35 mensagens de voz deixadas nos celulares de Gordon Taylor e sua consultora jurídica, Jo Armstrong. Tratava-se de prova direta de que pelo menos dois outros repórteres do *News of the World* estavam envolvidos no uso de mensagens de voz obtidas de modo ilegal. Assim caía por terra a versão oficial defendida pelo *News of the World*, por executivos de Rupert Murdoch, pela Scotland Yard e pela PCC de que o “repórter desonesto” Clive Goodman era o único no jornal que sabia do esquema.

Existia ainda um segundo documento altamente suspeito: um contrato assinado pelo editor de noticiário Greg Miskiw em fevereiro de 2005 — quatro meses antes do e-mail de Hindley — oferecendo a Glenn Mulcaire 7 mil libras se ele apurasse uma matéria especialmente hostil sobre Gordon Taylor que vinha detalhada no contrato. O mais suspeito do documento era o fato de ter sido redigido usando um dos nomes falsos de Mulcaire, Paul Williams. Por que um editor assinaria um contrato com alguém que usava um nome falso? Seria porque estava encomendando práticas ilegais?

Por fim, também ouvi dizer que havia uma gravação de Glenn Mulcaire explicando a um repórter como ter acesso às mensagens recebidas por Gordon Taylor, uma espécie de guia passo a passo da arte de invadir telefones. O nome do repórter, me disseram, era algo como Ryan ou Ryall.

Tudo isso era muito danoso ao *News of the World*. Mesmo que optassem por alegar que não sabiam nada sobre grampos quando Clive Goodman foi preso, eles já estavam cientes da existência daqueles documentos havia meses, já que tinham sido expostos no processo movido por Gordon Taylor ainda em 2008. Contudo, não fizeram nenhuma tentativa de corrigir sua versão. E a Scotland

Yard? O material tinha sido apreendido de Glenn Mulcaire quando ele foi preso, em agosto de 2006, e permanecera em poder da polícia desde então. A polícia fez mais investigações ou tentou entrevistar ou prender outras pessoas do *News of the World* envolvidas? Se não, por quê? E por que nem ao menos mencionaram esses documentos no julgamento original?

Com certeza, isso era apenas o começo. Pelo que eu sabia, o juiz havia determinado que a polícia entregasse o material especificamente relacionado ao caso Gordon Taylor. Se era verdade que havia milhares de outras vítimas, era plausível supor que havia milhares de outros documentos nas dependências da Scotland Yard relacionados a outras vítimas e possivelmente a outros perpetradores dos crimes ligados ao *News of the World*. Mas quanto a News International estava escondendo? Quantas provas a polícia tinha engavetado?

É claro que, para a News International e para a polícia, o caso estava encerrado. O dinheiro fora pago a Gordon Taylor e a seus parceiros na ação penal, Jo Armstrong e John Hewison. As provas tinham sido lacradas com a bênção do Tribunal Superior e ninguém mais saberia nada sobre o assunto.

Bem, pelo menos esse era o plano.

Bob Woodward, do *Washington Post*, disse certa vez que o “melhor jornalismo é aquele produzido contra as orientações da direção”. Eu concordo. No melhor cenário, chefes de redação só querem uma coisa: as matérias prontas para publicação. Por esse motivo, nunca dão aos repórteres tempo suficiente para elaborar e trabalhar mais nas notícias. Na pior das hipóteses, eles não passam de pessoas pequenas com títulos imponentes que pensam poder provar que são competentes simplesmente por interferir o tempo todo no trabalho dos subordinados.

Mas sou freelancer. Trabalho em casa e posso ser praticamente invisível aos meus empregadores. Assim, eu me enfurno em meu escritório nas entranhas de Sussex, sem nada a me tirar a atenção a não ser a música altíssima vinda de algum lugar e a visão de uma igreja do século XIII ao longe, satisfeito com a esperança de que o *The Guardian* vai me esquecer por ter consciência de que não preciso de um inspetor no meu ouvido me mandando trabalhar.

No final de junho de 2009, enfim armado com detalhes suficientes e meu conjunto de documentos explosivos, eu estava mais ou menos pronto para publicar minha matéria sobre o roubo de informações e precisava ir a Londres

para tentar convencer o *The Guardian* a embarcar nela. Já fazia mais de um ano que eu tinha encontrado Stuart Kuttner no programa *Today*, da rádio BBC. Nesse período eu trabalhara em outros projetos, mas este veio crescendo cada vez mais.

Almocei com o editor-chefe do *The Guardian*, Alan Rusbridger, na nova e elegante sede envidraçada do jornal, na área atrás da estação King's Cross, que no passado vivia repleta de prostitutas e traficantes de crack e agora tinha como elementos mais perigosos o *chai latte* e os *croissants*.

Rusbridger é diferente de outros editores-chefes em pelo menos dois aspectos. Em primeiro lugar, é meu amigo. Começamos como repórteres iniciantes no *The Guardian* no mesmo dia de julho de 1979. Agora que ele era editor-chefe, tínhamos um acordo muito simples: eu levava as reportagens e ele me dava guarida. Ele sabe que não vou desapontá-lo, e eu sei que ele não vai me enrolar.

Em segundo lugar, ele tem caráter. A imprensa britânica está cheia de covardes ambiciosos que galgaram altas posições sorrindo com obediência para os superiores. Esse tipo de editor-chefe analisaria uma matéria fadada a pôr o jornal em rota de colisão com a maior organização jornalística do país, com a maior instituição policial, com o maior partido político e, em boa medida, com a PCC, e simplesmente a tiraria da pauta ou a esconderia no fim da página cinco, na esperança de que ninguém a notasse. Mas Rusbridger gostou da minha história.

Concordamos que deveríamos publicá-la logo, antes de o parlamento sair em recesso de verão, para garantir que teríamos alguma repercussão. Eu ainda tinha que trabalhar um pouco na matéria. Precisava entrar em contato com alguns personagens-chave, entre eles Coulson e a News International, para ver se tinham algo a declarar. Além disso, tinha uma preocupação adicional.

Eu não estava seguro de que deveria publicar os nomes dos 27 jornalistas do *News of the World* e dos quatro do *The Sun* que encomendaram serviços à rede de Steve Whittamore, nem se deveria mencionar Ross Hindley, que havia enviado o e-mail em nome de Neville Thurlbeck contendo as transcrições das mensagens de voz. Eu não queria criar outros Clive Goodmans, mais repórteres que seriam descartados como casos isolados de profissionais desonestos pelos executivos do alto-escalão que eram os verdadeiros responsáveis. Em geral a culpa recai sobre os escalões mais baixos. Além disso, talvez erradamente, eu tinha uma desconfortável resistência a citar jornalistas porque sou

jornalista. Concordamos em só citar os mais graduados e com maior potencial de culpa, mantendo em segredo os outros.

Expliquei também que, embora tivesse em mãos muitos documentos, isso não poderia ser revelado. Nossas provas teriam de permanecer ocultas. Brincando, assustávamos de leve um ao outro especulando sobre como seríamos punidos: que partes específicas de nossas vidas privadas seriam expostas? Decidimos publicar na semana seguinte ou pouco depois.

Provavelmente, tudo daria certo.

Como em toda profissão, há no jornalismo algumas maças podres. A notícia isolada de que um editor do jornal britânico *News of the World* invadia caixas postais de telefones atrás de recados que lhe rendessem furos sobre a realeza não seria tão aterradora se parasse por aí. O problema surgiu quando o repórter Nick Davies decidiu investigar a história mais a fundo e descobriu um lamaçal de crimes e corrupção que afetava boa parte da imprensa britânica, com ramificações no gabinete do primeiro-ministro e no alto escalão da Scotland Yard.

Jornalistas usando prostitutas para colher segredos dos clientes, detetives grampeando linhas telefônicas nos postes e revirando o lixo de celebridades, funcionários de hospitais vazando prontuários médicos e editores chantageando políticos com intrigas sexuais. Cenas que mais parecem saídas de um filme, mas que, na verdade, eram práticas não só aceitas, como também estimuladas e premiadas, e que alimentavam uma poderosa rede de corruptores e corrompidos que chegou a influenciar até mesmo as leis britânicas.

“Um importante lembrete dos prejuízos que podem vir à tona quando a mídia se torna tão poderosa e corrupta que não presta contas a ninguém — muito menos ao público a quem deveria servir.”

The Boston Globe

“Deveria ser leitura obrigatória nas faculdades de jornalismo.”

The Telegraph

ISBN 978-85-8057-874-4



www.intrinseca.com.br